

Entrevista: Rogério Christofolletti

“A democracia brasileira está em perigo e depende muito do jornalismo profissional”

Vera Sommer¹

O Brasil enfrenta a pandemia da Covid-19, que já matou mais de 65 mil pessoas de norte a sul do país, enquanto a população acompanha, pela mídia, o descompasso entre os relatórios municipais, estaduais e federais sobre o avanço da doença. A imprensa nacional também busca dar transparência aos casos de desmando, abuso de poder e desvio de verbas públicas destinadas à compra de aparelhos e medicamentos para o tratamento de pacientes. Sobre este atual contexto brasileiro, a professora **Vera Lucia Sommer** conversa com **Rogério Christofolletti**, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Linguística e doutor em Ciências da Comunicação. Pesquisador do CNPq, Christofolletti estuda privacidade, transparência e crise do jornalismo e é autor de vários livros, dentro os quais “A crise do jornalismo tem solução?”, publicado em 2019. Ele também está a frente do Observatório da Ética Jornalística (ObjETHOS) que, desde 2009, acompanha, pesquisa e discute o comportamento da mídia e da sociedade contemporânea. Nesta entrevista, realizada remotamente no dia 16 de junho de 2020, Christofolletti afirma que o país está nas mãos de um governo militar que, desde a posse em janeiro de 2019, deflagrou uma ação beligerante contra a imprensa. O professor admite: “O jornalismo tem muitas imperfeições, mas precisa ser melhorado, não extinto”. Isso porque desempenha o importante papel de fiscalizador dos poderes públicos, divulgando informações necessárias para a compreensão da realidade e tomada de decisões.

Vera Lucia Sommer: Como observador, fiscalizador e pesquisador da mídia ao longo dos anos, qual a sua avaliação sobre o comportamento da imprensa brasileira na cobertura diária dessa pandemia da Covid-19 e diante da hostilização, por parte do governo

¹ Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul, Campus Pedra Branca (2017); Mestre em Comunicação Social, PUC/POA (2003); Especialista em Estudos Culturais, UFSC (1998); e Bacharel em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo, Unisinos (1983). Atua desde 1996 como docente no Curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Itajaí (Campus Itajaí), orientando trabalhos de Iniciação Científica e de Conclusão de Curso, relacionados a ética jornalística, jornalismo literário, cinema, consumo, moda e cultura.

Bolsonaro, a jornalistas e veículos de imprensa? A mídia tem desempenhado o seu papel social ou tenta, mas não está conseguindo?

Rogério Christofolletti: É um momento preocupante na minha visão. Isso porque o governo tem feito de tudo para nublar e ocultar os dados, que são importantes, não só para estabelecer políticas públicas de combate à doença, mas também para prestar contas para a sociedade. Não só o governo federal, os governos estaduais também. Eles mudam a metodologia de contagem de corpos e de casos, não fazem testagem massiva e atrasam os relatórios. Há um descompasso entre relatórios de secretarias municipais, estaduais e governo federal. Então, há casos de o governo federal tentar frear a lei de acesso à informação, de fazer com que ela não tenha a vigência, embora já exista há oito anos, e é importante para consolidar a cidadania no Brasil. Por isso, é um momento muito agudo. Costumo dizer que nós temos quase três mil cargos, no primeiro e segundo escalões, ocupados por militares. Temos oito militares entre os 22 ministros e temos o presidente e o vice-presidente, dois ex-militares. Portanto, é um governo militar. As pessoas vão dizer que não estamos em uma ditadura, mas também não estamos em uma democracia. É um governo militar, e nós não podemos tapar o sol com a peneira. Todo governo tem de prestar contas à população, ele existe para isso. O Estado existe para prover a sociedade. A sociedade é a chefe, né? O cidadão é o patrão. E a mídia tem tentado buscar formas de contornar isso, denunciando abusos. Às vezes, não com tanta contundência como poderia ser, mas vem fazendo isso. O último movimento, nesse sentido, foi a formação de um consórcio entre grandes veículos para tentar, a seu modo, contar esses corpos e esses casos.

Vera: Há uma outra questão. Esse governo tem se valido da ignorância – aqui no sentido de ignorar mesmo o que se passa de fato - da população para ludibriar e manipular a opinião pública. Usa, por exemplo, de Fake News - e inclusive há um processo que corre na Justiça, envolvendo integrantes do governo Bolsonaro e a família do presidente da República -, mais os ataques aos outros Poderes e à própria democracia. Diante deste cenário, a democracia brasileira está em perigo?

Rogério: Sim, a democracia está em perigo. Uma pesquisadora australiana, chamada Beate Josephi, tem um texto muito interessante sobre a relação entre Jornalismo e Democracia, em que conclui que o jornalismo precisa menos da democracia do que a democracia precisa do jornalismo. Ela aponta que há contextos onde você tem jornalismo, mesmo não tendo democracia. Mas você não tem democracia sem jornalismo. Então, a democracia depende muito mais do jornalismo do que o contrário. Fala-se de liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade de pensamento, mas agora o ministro da Justiça (André Luiz de Almeida Mendonça) está tentando perseguir cartunistas e usar a Lei de Segurança Nacional. A gente não ouviu o ministro da Justiça e da Segurança Pública fazer nenhuma

política pública de segurança desde que assumiu, recentemente. Ele ainda não mudou sequer de sala, porque age como advogado-geral da União. Ele não é mais advogado-geral da União, mas age como advogado-geral do presidente da República. Trata-se de um desvio de função, de poder. Mas como estava dizendo, a democracia precisa muito da liberdade de expressão. A democracia é um sistema de partilha de poder, de fiscalização mútua de poder, e essa fiscalização é mediada por alternância de poder, com possibilidade de eleições regulares, estabilidade, leis e órgãos de fiscalização funcionando. Para que o cidadão decida, ele precisa estar bem informado, e ele é bem-informado pelo quê? Pelas redes sociais? Não! Pelo Jornalismo profissional! Há mais de um século, a gente vem fazendo isso de uma maneira profissional. Imperfeita, na verdade. O jornalismo precisa mudar muita coisa em si mesmo, mas nós não inventamos nada parecido ainda que faça o que o jornalismo faz, que é prover continuamente a sociedade, de maneira profissional, de informação.

Vera: A gente percebe uma briga acirrada pela audiência e pela divulgação de informações, principalmente nas redes sociais, por parte de pessoas sem nenhum comprometimento com a veracidade dos fatos. Passam longe do exercício do jornalismo, da checagem de informação, do aprofundamento de circunstâncias e da consulta de várias fontes. Há ainda prejulgamentos, manifestações de ódio e ofensa que beiram a barbárie. As pessoas não podem nem mais se posicionar sem serem logo achincalhadas.

Rogério: É. As redes sociais acabaram produzindo os tribunais de Facebook. É um tribunal único em que você acusa. Você não investiga. Você sentencia e pune. Isso é impensável. Além do que as grandes plataformas de redes sociais, essas plataformas digitais, estão ajudando a matar o jornalismo. Elas estão drenando a publicidade que antes ia, não só pro jornalismo, mas pras indústrias criativas e pro entretenimento também. Por isso, a gente precisa voltar a discutir a regulação dessas grandes plataformas.

Vera: Mas não há nenhum interesse nesse sentido por parte do governo Bolsonaro.

Rogério: Nem nesse e nem no governo de (Donald) Trump (EUA).

Vera: Então, há essa tendência de as pessoas estarem muito ligadas às redes sociais. Porque hoje, além de não se informarem pela mídia tradicional, elas acreditam em qualquer coisa que aparece no WhatsApp, aceitam tudo como se fosse verdade e ainda compartilham. Como entender esse comportamento por parte da sociedade?

Rogério: É complexo! A gente precisa olhar em perspectiva. O surgimento das redes sociais e das possibilidades de as pessoas participarem do processo produtivo é algo muito

atraente, sedutor. Mostrou também, de alguma maneira, como o jornalismo estava se distanciando dos públicos e tutelando esses públicos. As plataformas de redes sociais são elaboradas e configuradas para serem ambientes extremamente acolhedores. Aí, as pessoas vão buscar onde são acolhidas e não destratadas. Isso faz com que a gente fique embotado em bolhas sociais. Isto é, só vou estar junto com pessoas que pensam muito parecido comigo porque lá não vou ser xingado. Lá vou reverberar, vou ter um reforço social daquilo que eu penso. As pessoas precisam de um reforço social. Todo mundo precisa ter o reconhecimento dos demais. Então, tem muita psicologia, algoritmo, política e também em dinheiro nisso. A questão da desinformação é muito complexa e não pode ser apenas enfrentada com projetos de lei como se tem hoje no Brasil. São, pelo menos, 26 projetos de lei em Assembleias Legislativas, na Câmara Federal e no Senado, para tentar criminalizar as Fake News. Mas isso é parte do problema. Nós precisamos falar sobre educação midiática, sobre formas de fortalecer os mecanismos de checagem de fatos e do jornalismo profissional. Nós precisamos penalizar quem ganha dinheiro com aquilo e responsabilizar as plataformas. Hoje, dois terços da publicidade no mundo estão na mão de Facebook e Google. É um duopólio inimaginável. Em nenhum momento da história humana a gente teve duas empresas tão poderosas. O Facebook, por exemplo, tem 2 bilhões e duzentos milhões de pessoas cadastradas. Um acervo e um banco de dados superior a qualquer uma das 16 agências de informação americanas. Nenhuma delas tem esse tipo de informação. Eles têm ativos, dinheiro e ramificações superiores a PIBs (Produto Interno Bruto) de países.

Vera: E existe alguma forma de controlar o poder dessas grandes plataformas digitais?

Rogério: Por que que eles vão respeitar leis se são mais poderosos que os próprios países? Veja o caso dessa semana. No Brasil, o WhatsApp começou a permitir pagamentos e transferências, e as pessoas estão achando maravilhoso! Isso é um absurdo, uma loucura! Está tudo migrando para o WhatsApp, uma coisa sem controle nenhum, sem auditoria nenhuma, sem regulação algorítmica. Nem regulação jurídica, legislativa. O sistema financeiro vão deixar isso acontecer? Eu acho isso um perigo! Nossos dados já transitam dentro dessas plataformas, e isso é assustador. Agora elas saberão também os nossos gastos em detalhes.

Vera: Como o jornalismo pode, de alguma forma, se aproveitar também desse poder ou mesmo dividir esse mercado? Tem como? Você consegue vislumbrar algum caminho?

Rogério: Tem muitas coisas pra serem feitas, sim! Eu falo essa palavra, que arrepiava as pessoas, mas ela é necessária: regular. O que é regular? Estabelecer regras. Qualquer segmento econômico precisa de regras. Todos precisam de regras, inclusive, para manter

aquilo que é sagrado dentro do capitalismo: a competitividade. A capacidade de as pessoas poderem concorrer no mercado, disputar clientes e atenção. Qualquer monopólio, duopólio ou oligopólio, qualquer uma dessas três possibilidades é ruim para o público porque restringe a capacidade de escolha do público. Eu posso citar muitos exemplos. Inclusive monopólios estatais que a gente tem. Por exemplo, a exploração de petróleo é um monopólio estatal. Correios é outro monopólio estatal. Mas há outros monopólios que são privados e muito mais terríveis. É o caso das redes sociais, dos motores de busca, por exemplo. Os motores de busca tentam organizar o conhecimento e as informações na internet. Não estar lá significa não existir, muitas vezes. Na medida em que você permite a triagem e o processamento de informações das pessoas, você modula, coloca essas pessoas de acordo com perfis. E aí vai poder dar crédito para algumas pessoas, um empréstimo, por exemplo, ou não. Você vai poder penalizar alguém pelo seu biotipo ou não. Nós estamos falando aqui sobre tecnologia, não só de Big Data, mas de *Machine Learning*, ou seja, máquinas aprendendo e tomando decisões à revelia dos programadores, decisões essas que deveriam ser tomadas por humanos. Tudo isso está sendo feito dentro de um ambiente de nenhuma competitividade. Qualquer startup, que se destaca numa situação tecnológica, é logo adquirida pelo Facebook. Essa é uma maneira de neutralizar as concorrências. O Google fez isso com o Youtube, comprou anos atrás, quando ele era deficitário, e hoje é superavitário. Por que o Google gastou mais de um bilhão de dólares para comprar uma coisa que estava dando no negativo? Ora, porque temia que alguém da concorrência comprasse e pudesse ganhar dinheiro com aquilo. Eles compram e anulam a possibilidade de a concorrência atuar nesse sentido.

Vera: E o jornalismo? Como ele pode atuar nesse mercado de gigantes da tecnologia?

Rogério: A gente precisa voltar a discutir a regulamentação dessas empresas, fora e dentro do país. Não temos leis supranacionais, mas podemos ter acordos supranacionais. Podemos ter uma legislação que preveja remuneração pelo uso e pela exploração do trabalho de jornalistas em meio jornalísticos. Eu me lembro de uma briga entre a ANJ (Associação Nacional de Jornais) e o Google, em que ANJ não queria que o Google indexasse, e ela não quer até hoje, alguns dos seus jornais porque não os remunerava. E não remunerava mesmo. Ele vampiriza. Cria massa crítica para suas buscas e resultados e não repassa nada pros jornais ou pros jornalistas. Esse é um problema. Outro problema também é ter uma discussão mais moderna sobre direitos autorais, que considere o uso justo e legítimo dentro da internet, como a pesquisa científica e o jornalismo, mas que também possa proteger a criação e a produção intelectual de pessoas em toda parte do mundo. É necessário que os governos prevejam leis ou mecanismos para socorrer o jornalismo. O jornalismo oferece algo que é um bem público e social que é a informação. Tem um problema aí: o jornalismo, na grande maioria das vezes, é explorado por grupos

particulares, que acham que o que produzem também é privado, mas não é. É um DNA meio híbrido. Eles produzem algo que tem uma finalidade social, pública, que é a informação. Mas eles têm que ter contrapartidas sociais. Eles podem ganhar dinheiro com aquilo? Sim, podem, porque executam um trabalho, e transformam algo, como uma indústria. Então, a gente precisa tornar a indústria jornalística de novo sustentável. Isso vai fazer com se pense em formas de financiamento, receitas, modelos de negócios, como gostam de falar, com apoio dos governos, sim. Porque o governo já apoiou bancos e vai voltar a apoiar bancos. No Brasil, o Estado apoiou nos anos 90. Em 2008, os Estados Unidos apoiaram por causa da quebra. Agora os estados-nações estão apoiando as companhias aéreas. Na Alemanha, o governo está comprando ações da Lufthansa. Na Itália, a Alitalia vai ser estatizada. Não estou falando da Venezuela, estou falando da Itália, que não é comunista, é capitalista.

Vera: Você sugere que o próprio Estado apoie a mídia e o jornalismo?

Rogério: O Estado é um importante regulador econômico. Então, ele tem que muitas vezes socorrer. Por que, se socorre banco e empresa aérea, por que não socorrer o jornalismo? Precisamos pensar em linhas de financiamento para o jornalismo. Precisamos pensar em fundos de sustentação de veículos jornalísticos, e, ao mesmo tempo, garantir independência editorial e política dos veículos. Sabe pra quê? Pra combater outra epidemia: a de desinformação. A infodemia. Estamos vivendo hoje no mundo uma pandemia de desinformação. Como você combate isso? Com menos jornalismo? Não! Você combate é com mais jornalismo. Por isso é necessário fortalecer o jornalismo.

Vera: Considerando o momento crítico que vive o Brasil, com um governo militar, como você mesmo já pontuou, como negociar essa regulamentação, já que o maior interesse do governo federal vai justamente no sentido contrário?

Rogério: É complexo. Mas é preciso reagir. A gente não pode morrer calado. Tem que morrer pelo menos gritando. O governo Bolsonaro, desde o primeiro dia, ou seja, desde a posse, deflagrou uma ação beligerante contra a imprensa. Há uma declaração de guerra constante contra a imprensa, mas ele não é o único poder da República. Tem o poder Legislativo, que é todo fragmentado, e representa os interesses da população, que também são fragmentados. Tem o poder Judiciário e tem o poder da Cidadania que precisa se mobilizar. Eu lembro uma coisa: nós estamos em 2020, e este é um ano eleitoral, e deveremos renovar 5.570 prefeituras no país.

Vera: Será que as eleições vão ocorrer neste ano, ainda mais com a situação de agravamento da pandemia em alguns estados brasileiros?

Rogério: Elas precisam acontecer! A população precisa se impor. A não ser que a gente se resigne a viver de maneira tutelada. Eu penso que, no século XXI, as coisas são mais difíceis. Não tem sido fácil pro governo também. A todo momento, ele tem sido desautorizado pelos outros poderes. A gente está testando mesmo a democracia brasileira. Ela está mal das pernas, mas vem mostrando uma certa resiliência. Volta e meia, o Judiciário coloca o Executivo na linha. Volta a meia, o (Davi) Alcolumbre (presidente do Senado Federal) devolve uma MP esdrúxula do Presidente da República, coisa que não acontecia. Volta e meia, você tem a sociedade se mobilizando. A gente está num momento rico para a cidadania, pra gente construir laços. Por exemplo: eleger vereadores, prefeitos e vice-prefeitos que estejam alinhados a alguns valores de direitos humanos, liberdades civis, compromisso com o público, a igualdade, a justiça social e com a paz! A gente tem governos comprometidos com a guerra, que matam pretos, pobres, e que fazem vista grossa pra morte de mulheres e massacram pessoas trans. Uma parte da sociedade, que não concorda com isso, precisa se alinhar e ocupar espaços políticos. Nós precisamos eleger representantes municipais. Você pode dizer: mas prefeito não pode resolver a coisa da Presidência da República. Mas a gente não tem apenas uma única saída. Não é uma bala de prata que vai resolver todos os problemas do Brasil. O país está numa crise política há pelo menos sete anos. Desde 2013, se a gente contar pra cá, estamos fazendo aniversário da jornada (de protestos) de junho. Então, é necessário que a gente comece a fazer coisas. O que esses prefeitos e vice-prefeitos e vereadores podem fazer? Talvez possam originar ações pra empoderar movimentos sociais e a mídia local. Eu ainda não posso falar muita coisa, mas estou trabalhando com um grupo de pessoas na elaboração de projetos de lei pra criar fundos de jornalismo no combate a essa epidemia de desinformação. Leis municipais de redistribuição de verba pública.

Vera: Projetos no sentido de repartir o “bolo” via jornalismo, envolvendo a mídia?

Rogério: É. Pra rádio comunitária, local e de bairro. Não só pro grande veículo de imprensa.

Vera: Seria uma forma de oxigenar o mercado da mídia e propiciar o surgimento de novas ideias e outros modelos de jornalismo?

Rogério: Isso. Com novas ideias a gente vai abrir mercados, criar empregos, gerar renda, pagar impostos e fazer a máquina girar.

Vera: Promovendo assim também um debate mais amplo e público sobre o jornalismo... A propósito, você acredita que esses observatórios sociais, que algumas cidades

implementaram, inclusive Itajaí, conseguem trazer alguma contribuição ao debate ético sobre os poderes públicos?

Rogério: Eles têm um papel, mas são limitados. É uma luta muito assimétrica quando você tem a população, que é desorganizada, pulverizada e espalhada, e um poder constituído, com braço armado, polícias, forças armadas, e lei ao seu lado, que inclusive fabrica essas leis e quem as executa. Esse povo precisa se articular em mais coisas. Os observatórios são uma maneira, mas não a única. Nós precisamos acompanhar a Assembleia Legislativa, as compras feitas com verbas públicas. A gente teve um caso local maravilhoso. A reportagem de Yuri Potter e Fábio Bispo, que saiu no “The Intercept Brasil”, revelou que o governo do estado de Santa Catarina estava comprando 200 respiradores a 33 milhões (de reais). Há muito tempo eu não via uma reportagem local produzir tanto estrago em 24 horas. Os três poderes tiveram que se mover. O governador (Carlos) Moisés abriu sindicâncias e afastou secretários; o poder Legislativo abriu uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito); e o poder Judiciário sustou o pagamento. Os três poderes se mobilizaram, em 24 horas, a partir de uma reportagem. Foi o jornalismo que chamou a atenção da sociedade pra isso, apontou o dedo pra ferida. É o jornalismo cumprindo com uma de suas funções que é fiscalizar os poderes. Então, a gente precisa de mais jornalismo, não de menos jornalismo. As pessoas precisam deixar o teclado e as redes sociais para se organizarem de outra maneira. Hoje ainda não se pode ir pra rua, mas em breve poderemos. Precisamos participar da associação de moradores, da escola dos filhos, pra debater o projeto pedagógico e discutir um novo papel da escola naquele bairro. A gente pode e tem que ir. Ninguém vai fazer isso pela gente. Nenhum governo de direita, de esquerda, de centro. Se o poder realmente pertence ao povo, ele deve emanar do povo, e em nome dele deve ser exercido. O povo também precisa, de alguma maneira, sinalizar pra onde quer que o poder seja exercido.

Vera: Gostaria que você falasse sobre a violência praticada contra jornalistas que atuam na cobertura do dia a dia, e que ficou ainda mais evidente nessa pandemia. Afinal, esses profissionais, assim como os da saúde e os envolvidos na prestação de serviços essenciais, também estão na linha de frente. Os próprios alunos perguntam: “Professora, como a gente lida com isso?”. Existe alguma maneira de se prevenir contra a truculência, ou fazer com que o futuro jornalista esteja preparado para se defender dessa violência?

Rogério: Acho que estamos vivendo um momento muito difícil pra ser jornalista. É um momento de muito risco. Não sei se é a melhor maneira, mas é a que encontro para falar com os meus alunos. Precisa ser sincero. Dizer que o jornalismo é uma atividade que depende não só de habilidades tecnológicas, curiosidade, dinamismo e de um bom texto. Nós precisamos de homens e mulheres corajosos e dispostos a fazer perguntas incômodas.

O (jornalista) Heródoto Barbeiro diz que “o jornalismo é aquela prática que mostra pra uma parte da sociedade o que a outra parte quer esconder”. Então, os jornalistas precisam ser intrépidos. A gente precisa dizer que é necessário estudar, formular materiais e práticas de como protegê-los. Recentemente a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo)² lançaram uma cartilha orientando os jornalistas a como agir diante de acoso, violência, assédio virtual. Nós precisamos ter mais manuais desse tipo! Nos Estados Unidos, tem o Dart Center, um centro de estudos que orienta a como fazer jornalismo que cobre traumas. A gente pode traduzir isso e desenvolver os próprios materiais aqui e capacitar bem os nossos profissionais. No momento, a Fenaj³ (Federação Nacional dos Jornalistas) está fazendo uma pesquisa sobre Jornalismo e a Covid. Isso vai ajudar a pensar em algum material de orientação. Também tem a Abraji junto com a OAB pensando em formas de como dar respaldo jurídico e como responder a violências. Nós precisamos criar projetos, dentro das universidades - e a gente tem o ObjETHOS⁴ (na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC), pra tentar acompanhar a violência contra o jornalismo e produzir informes e fazê-los circular. A Fenaj tem feito isso anualmente e, cada vez mais, é um termômetro do aumento da violência. Infelizmente, esse governo não dá mostras de que vá parar. Em outubro de 2018, quando (Jair) Bolsonaro se elegeu, escrevi um texto publicado no ObjETHOS, em que dizia que seria um tempo difícil.⁵ Passado um ano, disse, não vai terminar!⁶ Ele vai às raias da loucura porque vive de crises e do antagonismo. E a imprensa é antagonista natural. É esperado que haja atritos entre poderosos e imprensa. É natural, mas, da maneira como está acontecendo, é inaceitável. Nós não podemos aceitar que homens e mulheres sejam agredidos fisicamente, que sejam fustigados, que sejam açoitados, perseguidos. A gente tem agora, por exemplo, chargistas da Folha de S. Paulo sendo fustigados pelo Ministro da Justiça (André Luiz de Almeida Mendonça). É um absurdo!

Vera: E esse tipo de denúncia - sobre violência, assédio, acoso - é feita via sindicato? Como funciona isso?

Rogério: Sim. Precisa ser feita via sindicato, mas também via mecanismos jurídicos. A gente precisa mobilizar o Ministério Público Federal. Porque, se há um ente na República, que oferece denúncias em nome da sociedade, esse é o Ministério Público. Ele precisa ter

² Disponível em: <https://www.abraji.org.br> Acesso em: 07.jun.2020.

³ Disponível em: <https://fenaj.org.br> Acesso em: 07.07.2020.

⁴ Disponível em: <https://objethos.wordpress.com> Acesso em: 07.jun.2020.

⁵ Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2018/10/29/resultado-das-eleicoes-aumenta-riscos-para-os-jornalistas-brasileiros/> Acesso em: 07.jun.2020.

⁶ Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2019/12/09/o-que-esperar-da-guerra-de-bolsonaro-contra-o-jornalismo-em-2020/> Acesso em: 07.jun.2020.

independência pra poder apresentar denúncias em nome da sociedade. O Estado não é a sociedade. O Estado é um mecanismo para buscar melhorias sociais. Isso não fui eu que criei. Isso é antigo, tem séculos.

Vera: Inclusive o uso das Forças Armadas teve que ser redefinido e esclarecido para o presidente Jair Bolsonaro, porque ele achava elas estivessem a serviço do governo.

Rogério: Entende, é um misto de má fé, de um projeto de desmonte de uma sociedade que vinha sendo construída nos últimos 35 anos, mas também de incompetência. É um governo muito incompetente, que não tem quadros de competência.

Vera: Se o representante maior da nação, eleito pelo povo, lida daquele jeito com os seus subordinados, como a gente acompanhou no vídeo a reunião ministerial do dia 22 de abril, e achincalha os jornalistas e os outros poderes o tempo todo, pode-se falar em ética no governo Bolsonaro?

Rogério: São coisas bem distintas. Esse governo tem compromissos muito claros com algumas partes da sociedade. Com ruralistas, seringueiros, desmatadores, grandes empresários, o capital financeiro, elites que querem manter a sociedade estamental que a gente tem. Temos uma sociedade falsamente democrática. A ascensão social e financeira das pessoas é muito restrita no país. Nós temos um país riquíssimo e um povo muito pobre. Temos muita concentração de renda e um Índice de Desenvolvimento Humano e Social (IDH) de envergonhar. Esse governo tem um compromisso com essas elites e isso colide com o que precisam as outras camadas da sociedade. É necessário que nós voltemos a disputar este país e sua trajetória de avanço. O país, desde 1985, vinha tentando erguer pilastras para um estado democrático de direito, com leis, previsibilidade, segurança jurídica, estabilidade econômica e política. A duras penas, essas gerações vêm tentando fazer isso. E esse governo vem praticando um projeto de desmonte disso. De quanto pior melhor. A meu ver, é necessário frear. Porque isso vai fazer com que mais pessoas morram de fome, que sejam massacradas por forças policiais, que se desvirtuam das suas funções legais tanto da Constituição quanto das leis orgânicas dos estados e dos municípios. E mais gente vai morrer porque estamos no meio de uma pandemia e não há clareza de plano de combate efetivo nacional contra a doença. Do ponto de vista jornalístico, espero que os profissionais continuem a perseguir alguns valores importantes. O jornalismo também precisa atender aos anseios da sociedade. Precisa dar voz pra pluralidade, dar voz ao sentido daquilo que vai efetivamente provocar transformações sociais para todos e não apenas pra alguns. O jornalismo não pode se prestar para manter o status quo. Mas, às vezes, ele faz isso! O jornalismo precisa ser um instrumento de auxílio pra que a sociedade

venha a se emancipar, venha a buscar cada vez mais autonomia, amadurecimento, entendimento e consciência do seu papel dentro desse momento histórico.

Vera: E quanto às iniciativas de jornalismo engajado politicamente, partidário e em defesa de determinados segmentos da sociedade, você compreende esse movimento como uma alternativa interessante para a mídia e a sociedade brasileira?

Rogério: Pode ser uma alternativa. Dentro do espectro da informação e de possibilidades de consumo, a gente pode ter informação de tudo quanto é jeito. De direita, de esquerda, de nicho, local, nacional. Mas um mesmo compromisso deveria ser assumido por todas: o da transparência. Posar de isento não convence mais ninguém. Eu acho que o jornalismo de *advocacy*, de causas, tem um lugar. Ele não vai ter o lugar do jornalismo hegemônico porque as causas fazem com que o público se pulverize. Eu sou a favor de algumas causas, você de outras e nem sempre são coincidentes. É natural que haja nichos. Precisa ver a sustentabilidade financeira pra cada um deles. Eu vejo com muito bons olhos. A gente tem aqui no estado coisas muito bacanas. Por exemplo, o Catarinas, que faz um jornalismo voltado pra perspectiva de gênero. A Ponte, no interior de São Paulo, que trata de direitos humanos e segurança pública. Tem AzMina e Alma Preta, e um monte de veículos pequenos que tem feito um trabalho realmente importante de permitir dar voz a esses grupos invisíveis ou que foram invisibilizados historicamente.

Vera: Então, há esperança... O jornalismo continua sendo uma “arma” social poderosa?

Rogério: Se não tivermos esperança, precisaremos ter teimosia. Volta e meia, ouço pessoas citarem a escritora (Maria da) Conceição Evaristo (de Brito): “Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”. É bem isso. O jornalismo tem muitas imperfeições, mas precisa ser melhorado, não extinto. Parte da crise do jornalismo vai ser enfrentada com mais jornalismo, não com menos. A humanidade não criou ainda nenhum outro serviço de provimento de informação contínuo e profissional como esse até agora. Então, se a gente vai tirar o jornalismo, o que vai colocar no lugar? Não temos o quê colocar no lugar. Precisamos dele ainda. Ele ainda se mostra útil e relevante. Precisamos ter esperança, sim. Precisamos ter teimosia, precisamos ter insistência, resistência, resiliência. Todas essas coisas são importantes porque nós não temos nada pra colocar no lugar do jornalismo. Ele é imperfeito, precisa ser melhorado, mas não pode ser extinto. E volto a dizer: pra combater a crise do jornalismo nós precisamos de mais jornalismo, não de menos.